



CA (FN) Reinaldo Reis de **Medeiros**  
rrm1967@globo.com

## A Expansão no GptOpFuzNav



O CA (FN) **Medeiros\*** serve atualmente no Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra como Chefe do Estado-Maior. É oriundo da Escola Naval. Concluiu o Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores, na Escola de Guerra Naval, em 2007. Foi *Staff-Officer* na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, MINUSTAH, (2008/2009). Dentre outras comissões, serviu no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, como Encarregado da Escola de Infantaria, no Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais como Oficial de Estado-Maior e Imediato e no Batalhão Naval como Imediato. Comandou o Comando da Tropa de Desembarque e o Grupamento de Fuzileiros Navais do Rio Grande. O Alte Medeiros também cursou na *ESDEGUE*, o *Curso de Altos Estudos Militares*, na Colômbia.

### Introdução

Definido na Estratégia Nacional de Defesa (END) (BRASIL, 2020c) como tropa de caráter expedicionário por excelência, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) é capaz de sustentar o combate por tempo indeterminado e em áreas afastadas, contando inicialmente com seus próprios meios e posteriormente com a possibilidade de incorporar tropas e meios para a continuidade das ações. Permanece em condições para o pronto emprego em um amplo espectro de atividades, tais como atividades benignas, ações de diplomacia, de emprego limitado da força e operações de guerra naval, com capacidade de projetar poder sobre terra (BRASIL, 2020a). Para esse fim, o CFN organiza-se em Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav), sendo eles estruturados em Componentes de Comando (CCmdo), de Combate Terrestre (CCT), de Combate Aéreo (CCA) e de Apoio de Serviços ao Combate (CASC), que podem agrupar outros elementos, como o Grupo de Apoio ao Desembarque Administrativo (GRADA) e o Grupo de Engenharia da Força (GEF).

Como elementos fundamentais da constituição dessa estrutura, o CCmdo, incumbido das ligações externas do GptOpFuzNav, é personificado pelo Comandante do Grupamento e por seu

Estado-Maior Geral e Especial, organizados em diversos Centros de Coordenação e Controle; o CCT concentra os meios de Combate e de Apoio ao Combate necessários à execução das tarefas relacionadas com a conquista e a manutenção do terreno; o CCA concentra ou coordena o emprego de meios para o Apoio Aéreo, o Controle Aerotático e a Defesa Antiaérea do GptOpFuzNav como um todo, além do apoio logístico de aviação; e o CASC provê o GptOpFuzNav do Apoio de Serviços ao Combate, por meio de execução das funções logísticas essenciais à sua operacionalidade, excetuadas aquelas atividades específicas de aviação (BRASIL, 2020a). Quanto ao valor da tropa que nucleia o componente do esforço principal, os GptOpFuzNav dividem-se em três tipos: Brigada Anfíbia (BAnf), integrando dois ou mais Batalhões; Unidade Anfíbia (UAnf), com um Batalhão; e Elemento Anfíbio (ElmAnf), com uma Companhia (BRASIL, 2020a).

Cabe destacar, ainda, a importância dos GptOpFuzNav na composição, em conjunto com meios navais e aeronavais adjudicados, do Conjugado Anfíbio. Esse conjugado se traduz em uma Força Naval em constante prontidão operativa, capaz de cumprir as atividades básicas do Poder Naval, e possui capacidades expedicionárias intrínsecas que proporcionam as condições apropriadas para a condução de ações

\*Também colaboraram na confecção desse artigo o CF (FN) José Luís de Melo **Espiúca** – [fnespiuca@yahoo.com.br](mailto:fnespiuca@yahoo.com.br), o CT (FN) **Thiago da Silva** Gonçalves – [silva.thiago@marinha.mil.br](mailto:silva.thiago@marinha.mil.br) e o 1º TEN (AFN) Moises **Guimarães** do Amaral – [tenmga18@gmail.com](mailto:tenmga18@gmail.com).

em um amplo espectro de operações, atuando em cenários estratégicos de interesse, como elemento de reação tempestiva e eficiente a crises e situações contingenciais (BRASIL, 2020a).

Dentro desse contexto, a Força de Fuzileiros da Esquadra (FFE) é a responsável por preparar e prover tempestivamente os GptOpFuzNav, empregando o conceito de Força de Emprego Rápido (FER). A FER da FFE constitui-se de um GptOpFuzNav nível UAnf, que deve ser formado e estar pronto para iniciar seu deslocamento para a área de operações em 48 horas. O Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra (ComFFE) estabelece, ainda, o prazo de 45 a 60 dias para a prontificação de uma BAnf.

É razoável supor que, em uma determinada crise, uma FER (UAnf) seja ativada e empregada, dando pronta resposta ao problema, enquanto uma BAnf é prontificada. Uma vez em condições de operar, essa BAnf incorpora a FER, ampliando o tipo do GptOpFuzNav para o cumprimento da missão inicial e/ou missões subsequentes. Além desse exemplo, outros fatores podem levar à necessidade de escalonar o emprego de um GptOpFuzNav já ativado. A essa característica que possibilita os GptOpFuzNav a aumentarem o seu poder combatente durante uma operação dá-se o nome de expansibilidade. O presente artigo visa apresentar uma conceituação da expansão no GptOpFuzNav, culminando com uma exemplificação do tema, conforme empregado na Operação “QUADREX 2020” (Exercício).

## Expansibilidade

Uma das principais características dos GptOpFuzNav é a sua expansibilidade, ou seja, a possibilidade de que uma força deslocada tenha a capacidade de expandir seu efetivo e poder de combate, sem prejuízo da continuidade da operação. A estrutura modular dos GptOpFuzNav permite que essa expansão ocorra de forma rápida e eficaz, acrescentando componentes ou elementos (até mesmo destacamentos de forças

Figura 1: A Expansibilidade do GptOpFuzNav



Fonte: Adaptado de BRASIL, 2020a, p. 4-7

amigas) (BRASIL, 2020a). É importante frisar que não existe um GptOpFuzNav dentro do outro e, embora possa haver dois ou mais componentes do mesmo tipo (como por exemplo, dois CCT), haverá apenas um Componente de Comando.

A expansão de um GptOpFuzNav pode ser Deliberada ou Fortuita. A Fortuita ocorre por imposição da evolução da situação, quando um GptOpFuzNav passa a ser inadequado e exige-se um de maior vulto para o cumprimento da missão. Já a expansão Deliberada pode ser motivada por dois fatores condicionantes:

- Necessidade de rápida resposta – dada a premência de tempo, uma resposta imediata é necessária. Dessa forma, envia-se o GptOpFuzNav de menor tipo que poderá lidar com a crise de forma emergencial e temporária, já prevendo que haverá uma expansão do GptOpFuzNav no menor tempo possível.
- Indisponibilidade de meios – a fim de fornecer uma resposta rápida à crise e diante da indisponibilidade de meios (navios, aeronaves, etc.) para movimentar a Força para a Área de Operações, decide-se por enviar um GptOpFuzNav de menor vulto que o ideal para confrontar a crise, já se prevendo sua elevação assim que possível.

Passemos agora a definir os tipos, métodos, fases e princípios da expansão.

Tipos de Expansão:

- Reforço – constitui mera adição de elementos de Combate, de Apoio ao Combate ou de Apoio de Serviços ao Combate aos componentes do GptOpFuzNav, não ensejando nenhuma alteração na sua estrutura e/ou no seu tipo.
- Fusão – dois GptOpFuzNav de mesmo tipo se unem para formar um GptOpFuzNav resultante de tipo superior.
- Elevação – é o aumento do tipo de GptOpFuzNav. Não se trata apenas de reforço, mas de incrementar Comando e Controle (C2), elementos de Combate, de Apoio de Fogo e sustentabilidade (logística). Pode ocorrer entre um ElmAnf e uma UAnf ou entre uma UAnf e uma BAnf. Nesse tipo de expansão, visualizam-se duas possibilidades: o GptOpFuzNav inicial é absorvido por um segundo de tipo superior que chegará posteriormente; ou o GptOpFuzNav é organizado com parcela de seu CCmdo de tipo superior e recebe reforços para os componentes subordinados, a fim de evoluir para um tipo superior, ou mesmo recebe componentes adicionais (por exemplo, o emprego de uma UAnf que contenha as agências de C2 necessárias ao funcionamento de uma BAnf).

Cabe ressaltar que, assim como pode ocorrer a expansão do GptOpFuzNav, também pode ser necessária a retração, reduzindo-o a um tipo inferior.

Métodos de Expansão:

- Sucessivo – um componente subordinado por vez.
- Simultâneo – todos os componentes subordinados ao mesmo tempo.
- Faseamento da Expansão:
- Integração – caracteriza-se pela presença de dois GptOpFuzNav (ou do primeiro a chegar e a tropa que vem em seguida para expandir). Nessa fase, o processo de transição se inicia e as duas Forças devem estar organizadas para serem empregadas independentemente até que a fase de fusão seja deflagrada. O objetivo é garantir o atingimento da unidade de comando, mesmo sem reorganizar os componentes subordinados.
- Fusão – caracteriza-se pela reorganização dos componentes. Gradualmente, os CCT, os CASC e os CCA se fundem, constituindo um único componente de cada tipo (exceto se a reorganização visar a um GptOpFuzNav com dois componentes do mesmo tipo. Exemplo: dois CCT, dois CASC ou dois CCA). Ao final dessa fase, os Comandantes dos componentes resultantes exercerão total Comando e Controle sobre todas as suas tropas por meio de uma única cadeia de comando, subordinados ao Comandante do GptOpFuzNav resultante.

Princípios de Expansão:

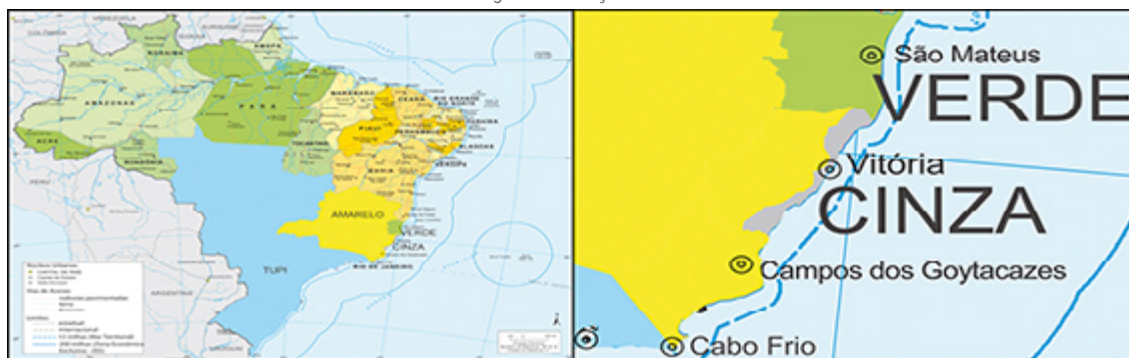
- Unidade de Comando em todas as fases.
- Os Estados-Maiores (EM) dos Componentes absorvidos do GptOpFuzNav de tipo inferior serão paralelamente aproveitados no EM do GptOpFuzNav resultante.
- A velocidade de transição é ditada pelo terreno, situação operacional e operações futuras visualizadas (ESTADOS UNIDOS, 1985. Tradução nossa).

## QUADREX 2020 (Exercício)

Em 2020, a FFE realizou um grande exercício de quadros, a Operação QUADREX 2020 (Exercício), cujos objetivos foram: planejamento e confecção de planos; aspectos relacionados a C2 e testados por simulação construtiva (jogos de guerra); e desenvolvimento doutrinário – experimentação sobre a expansão deliberada de um GptOpFuzNav em uma Operação Anfíbia (OpAnf).

A situação se desenvolve, hipoteticamente, no continente SUL AMERICANO, no qual o país CINZA tem sua parte sul controlada por insurgentes. Já o país TUPI apoia o governo legítimo de CINZA, enquanto VERDE apoia os rebeldes. TUPI não faz fronteira com CINZA, havendo o país AMARELO, que se mantém neutro, entre ambos. Devido à crise humanitária decorrente do conflito insurgente, o Conselho de Segurança da ONU autorizou TUPI a conduzir ações em CINZA, a fim de reestabelecer o controle pelo governo legítimo de CINZA em todo o seu território.

Figura 2: Situação Geral



Fonte: O autor

TUPI, então, ativou um Comando Operacional e uma Área de Operações (AOp). Coube ao Comandante de Operações Navais (CON) de TUPI a liderança desse Comando Operacional. Para cumprir sua tarefa de restabelecer o controle da porção Sul do território de CINZA, o Comandante da Força Naval Componente (ComFNC) decidiu realizar uma OpAnf, com uma UAnf, para conquistar um porto em CINZA que lhe permitisse o desembarque posterior de uma BAnf. Essa BAnf, então, conduziria as

operações subsequentes para reconquista do território controlado pelos rebeldes. A capacidade dos meios navais de transportarem no máximo uma UAnf foi a razão para o escalonamento do emprego do GptOpFuzNav. Foram formadas uma Força-Tarefa Anfíbia (FT-11) e uma Força de Desembarque (FT-21), esta última nucleada no Comando da Divisão Anfíbia (ComDivAnf). Diante do exposto, a FT-21 deveria planejar e executar uma expansão deliberada e por elevação do seu GptOpFuzNav.

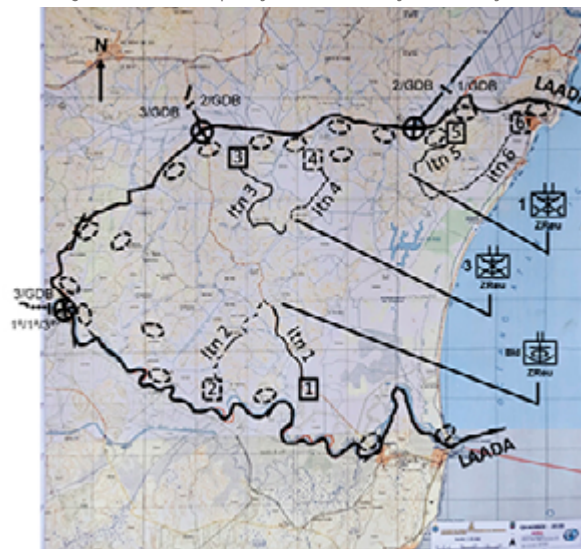
Inicialmente, foi decidido que CCmdo da FT-21 seria de nível BANf durante toda a operação, ainda que para o Assalto Anfíbio (AssAnf) o CCT fosse um Grupamento de Desembarque de Batalhão (GDB) – compatível com uma UAnf. Dessa forma, manteve-se a unidade de comando, evitando passagem de funções após a conquista da Cabeça de Praia (CP), além de permitir uma elevada consciência situacional ao EM do Comando da FT-21 (CFT-21) desde os momentos iniciais.

A manobra da FT-21 foi concebida em duas operações: anfíbia e subsequente. A OpAnf foi dividida em quatro fases: 1ª – conquista da CP; 2ª – defesa da CP; 3ª – desembarque continuado dos meios da BANf (Grupo de Combate Terrestre (GCT), Grupo de Engenharia da Força (GEF) e meios remanescentes do Grupo de Combate Aéreo (GCA) e Grupo de Apoio de Serviços ao Combate (GASC)); e 4ª – expansão do GptOpFuzNav. Para a execução da OpAnf, a FT-21 constituiu dois CCT: um GDB, encarregado do planejamento que compete ao CCT para as 1ª, 2ª e 3ª fases; e um GCT encarregado de planejar a expansão. Já para a operação subsequente, o Batalhão de Infantaria de Fuzileiros Navais (BtlInfFuzNav) que nucleava o GDB foi incorporado ao GCT, momento no qual a FT-21 passava a contar com apenas um CCT.

Devido à grande extensão da AOp da operação subsequente (aproximadamente 90x35 km), o CFT-21 decidiu empregar o Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais (BtlBldFuzNav) como peça de manobra, a fim de, somando-se esse Batalhão aos três BtlInfFuzNav, poder dividir a AOp em quatro Zonas de Responsabilidade Tática (ZRT), uma a cargo de cada Batalhão. Para tanto, o BtlBldFuzNav foi reforçado com uma Companhia de Fuzileiros Navais (CiaFuzNav).

O desembarque dos meios restantes da BANf ocorreu por meio do Porto de ITAÓCA – operado pelo GRADA (subordinado ao GASC) – e da Base de Operações Aéreas (BOA) – operada pelo CCA, ocorrendo de D+4 até D+10. A expansão do GASC e do GCA foi um processo natural, com seus respectivos Comandos já sendo de nível BANf desde a 1ª fase e com os meios sendo incorporados e empregados gradativamente, conforme a sequência de desembarque. O GEF, como elemento do GptOpFuzNav, não teve questões de continuidade a resolver, visto que foi inteiramente adicionado à FT-21 durante a expansão. Já para os componentes de combate, a integração foi facilitada pelo desembarque do Grupo de Comando (GpCmdo) do GCT ainda durante o AssAnf, de forma que ele estabeleceu ligação com o comando do GDB e manteve sua consciência situacional plena. Para a fusão dos componentes, o GCT planejou uma substituição em posição, na qual os três Batalhões do GCT substituíram parcela do GDB, ficando, ao final, o dispositivo defensivo da CP guarnecido por quatro Batalhões.

Figura 3: Calco de Operações da Substituição em Posição



Fonte: O autor

Com o GDB defendendo a CP, deu-se início ao desembarque administrativo (3ª fase). Após o reagrupamento, os Batalhões subordinados ao GCT foram guiados às suas respectivas Zonas de Reunião (ZReu), a partir de onde contatos entre os Comandos dos Batalhões e as peças de manobra do GDB foram realizados, com estas últimas reportando a situação nas frentes onde seriam substituídas. Foram coordenados e realizados reconhecimentos dos itinerários, pontos de ligação e núcleos defensivos. A substituição foi realizada em período noturno, com medidas de reconhecimento mútuo sendo estabelecidas em diretiva. Mediante ordem, iniciou-se a 4ª fase e o 1ºBtlInfFuzNav(Ref) substituiu a 1ªCiaFuzNav/GDB, o 3ºBtlInfFuzNav(-)(Ref) substituiu a 2ªCiaFuzNav/GDB e o BtlBldFuzNav(-)(Ref) assumiu o comando da 1ª/3ºBtlInfFuzNav (Cia que estava em reforço ao GDB).

A substituição foi realizada em posição, homem por homem, arma por arma. Foi mantida a “fisionomia de frente”, sendo substituído até 1/3 dos elementos em primeiro escalão por vez. As peças de manobra reportaram ao GCT a substituição de 2/3 das suas tropas em posição, além do estabelecimento dos meios de comunicação suficientes, momento no qual essas peças de manobra assumiram e reportaram o controle do setor defensivo. A frente da 3ªCiaFuzNav/GDB permaneceu a cargo do GDB, que concentrou suas tropas substituídas nesse setor. Com a conclusão da substituição e o pronto apresentado ao CFT-21 pelo GCT, o GDB como CCT foi desativado e seu Batalhão núcleo (2ºBtlInfFuzNav) foi incorporado ao GCT. O GCT manteve a 3ª/1ºBtlInfFuzNav como reserva hipotecada a partir do início da substituição e também a 3ª/2ºBtlInfFuzNav após a conclusão da substituição.

Por sua vez, o dispositivo defensivo da CP, guarnecido pelo GCT ao final da expansão, visava a facilitar a continuidade

da operação subsequente: O BtlBldFuzNav, ao S, e o 2ºBtlInfFuzNav, a W, realizariam um ataque de Brigada em um objetivo a SW da CP; o 3ºBtlInfFuzNav, ao N, seguiria eixado aos Batalhões já citados, como reserva do GCT; e o 1ºBtlInfFuzNav, a NE, conquistaria um objetivo a NE da CP. Essas manobras ofensivas colocaram os Batalhões em posições favoráveis para assumir, posteriormente, suas ZRT.

Figura 4: Frentes de Defesa do GCT após a expansão



Fonte: O autor

Uma vez determinado o data-hora para início da operação subsequente, os Batalhões desguarneceram o dispositivo defensivo e se reorganizaram, a fim de retomar a ofensiva, atingindo assim o estado final desejado do CFT-21 para o término da 4ª fase (e da OpAnf como um todo): a FT-21 pronta para prosseguir em operação subsequente. Uma observação é que o Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA) se converteu em Linha de Partida (LP) para o prosseguimento com a operação subsequente, visto que era um traçado nítido e de conhecimento geral.

O planejamento simultâneo de ambos os CCT refletiu em um Plano de Defesa da CP, confeccionado pelo GDB, que atendes-se à ideia de manobra do GCT para a substituição em posição. Um exemplo dessa coordenação foi a alocação de um Pelotão (Pel) do 3ºBtlInfFuzNav – que estava em reforço ao GDB – para uma frente que seria guarnecida pelo BtlBldFuzNav a partir da 4ª fase, sendo esse Pel e o restante da sua Cia de origem (até então reserva do GDB) incorporados pelo BtlBldFuzNav. Dessa forma, minimizou-se o prejuízo que uma substituição acarreta na operação defensiva.

A mudança de postura ofensiva para defensiva representa uma pausa operativa, momento propício para ressurgimento. Embora a iniciativa passe para a força adversa, a tropa em defensiva possui um controle melhor sobre sua AOp. Por esse motivo, decidiu-se por realizar a expansão durante a

defesa da CP. Já a substituição em posição, em vez de uma ultrapassagem do GCT prosseguindo em ofensiva, objetivou aliviar o GDB, já desgastado pelo AssAnf, e a reavaliação da situação antes da retomada da ofensiva. Outro fator importante para a FT-21 manter, cautelosamente, o GCT em defensiva temporariamente foi não haver premissa de tempo para a conquista da AOp subsequente.

## Conclusão

O aperfeiçoamento contínuo de conceitos emergentes como a expansibilidade de um GptOpFuzNav nos permite o enfrentamento dos complexos desafios ora vigentes, tais como ameaças à soberania nacional; pirataria; pesca ilegal, não declarada e não regulamentada; acessos ilegais a conhecimentos: fauna, flora e biopirataria; crime organizado e conflitos urbanos; terrorismo; ameaças cibernéticas; e questões ambientais, desastres naturais e pandemias, conforme contido no Plano Estratégico da Marinha (PEM 2040) (BRASIL, 2020b).

Como exemplo prático da pertinência do tema, tem-se como modelo as ações do Departamento de Defesa dos Estados Unidos contra a organização terrorista Al-Qaeda após o fatídico atentado de 11 de setembro de 2001. Nesse contexto, recorreu-se à prontidão operativa de duas MEU (*Marine Expeditionary Unit*, semelhantes à UAnf) do U.S. *Marine Corps*, previamente posicionadas no Oriente Médio, unindo-as para a formação de uma MEB (*Marine Expeditionary Brigade*, semelhante à BAnf), a *Task Force 58* (TF-58). Ativada em 30 de outubro, a TF-58 conquistou uma Base de Operações (BOp) avançada (aeródromo Rhino) em

Figura 5: Conquista da BOp Rhino pela TF-58



Fonte: LOWREY, 2011, p. 112

25 de novembro, em um AssAnf totalmente aerotransportado, com um movimento-navio-objetivo de aproximadamente 700 km. A TF-58 é, então, um exemplo clássico de expansão por fusão, e o sucesso na condução de uma operação altamente complexa em 36 dias após sua ativação reforça a relevância desse conceito para as forças anfíbias.

O Conjugado Anfíbio possui, além das características de versatilidade, mobilidade e permanência, uma flexibilidade ímpar com os GptOpFuzNav graças à sua doutrina de emprego, provendo uma gama de opções às autoridades decisoras. Sendo

assim, o CFN, como força de pronto emprego e expedicionária por excelência, deve manter-se adestrado, particularmente quanto à característica de expansibilidade dos GptOpFuzNav, a fim de manter sua excelência operativa. Conclui-se, portanto, imprescindível o estudo do tema expansão, de forma que se visualizem possibilidades e limitações para emprego dos GptOpFuzNav, atuando de forma modular em diferentes cenários. Capazes de alterar objetivos, meios, organizações e forma de manobra, mesmo durante uma operação em curso, os GptOpFuzNav materializam o CFN como elemento-chave na capacidade de projeção de poder.



## Referências

BRASIL. Marinha do Brasil. Corpo de Fuzileiros Navais. Comando-Geral. **CGCFN-O-1: Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, RJ, 2020a.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **Plano Estratégico da Marinha-PEM 2040**. Brasília, DF, 2020b.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2020c.

ESTADOS UNIDOS. Marine Corps. **Guidelines for Forming a Composite MAGTF**. Washington, DC, 1985.

LOWREY, Nathan. **U.S. Marines in Afghanistan, 2001-2002: from the sea**. Washington, DC: United States Marine Corps, 2011. (US Marines in Global War on Terrorism).

